A notícia veio à tona via satélite. Durante a passagem de som na casa noturna da Rua Pinheiros, o *SPTV*, telejornal local da Globo, fez uma reportagem anunciando o show. Paulo Ricardo assistia à TV, quando de repente a câmera deu uma visão panorâmica do palco e lá estava Charles, no meio dos Titãs, tocando sua inconfundível bateria Tama azul. Na mesma hora o líder do RPM passou a mão no telefone e ligou para a casa de Charles. Atendeu o irmão dele, César Gavin, que ouviu cobras e lagartos do cantor, irritado e decidido a quebrar a cara do baterista quando o visse pela frente. No dia seguinte, envergonhado, Charles finalmente telefonou para Paulo Ricardo, explicando suas razões. Não tinha mais o que fazer. Charles já era dos Titãs.

O Banguela não foi a única aventura empresarial malsucedida dos Titãs. Antes disso, em 1990, uma outra tentativa já tinha mostrado que o negócio deles era fazer música. A banda, que acabara de romper com Manoel Poladian, sentiu a necessidade de ter um contador que acompanhasse a movimentação financeira de cada um: se os cheques de cachês estavam sendo compensados e os investimentos, feitos corretamente, entre outras transações bancárias básicas. Por algumas boas indicações, contrataram Jorge Araújo. Alguns meses depois, Jorge chegou com uma sugestão:

— Por que vocês não economizam um dinheiro todo mês para montar um negócio? O grande filão no mercado agora é abrir uma revendedora de rolamentos para carros.

A idéia, que parecia absurda, foi vista como uma boa oportunidade por Charles Gavin, Tony Bellotto e Marcelo Fromer. Cada um entrou com o equivalente a US$ 5 mil. Num galpão na Avenida Pompéia, com um escritório em cima, começou a funcionar a SP Rolamentos, sociedade do trio com Jorge e alguns parentes do contador. Passados alguns meses, nenhum dos três titãs havia tido qualquer retorno financeiro. Jorge, porém, mostrava documentos de que a empresa ia bem e que o que vinha arrecadando deveria ser reinvestido, para que o negócio crescesse.

Em meio a shows e gravações, o trio acompanhava de longe a firma, mas começou a ouvir alertas de César Gavin, irmão de Charles e ex-roadie da banda que estava trabalhando na SP Rolamentos, de que Jorge mantinha um caixa dois na empresa. A dor de cabeça começou de fato quando o baterista teve negada sua proposta de renovação de contrato de cartão de crédito, por conta de vários cheques sem fundo no mercado. O problema, claro, não era na sua conta bancária pessoal, mas sim na da empresa da qual era sócio.

Com a ajuda de um advogado, os três começaram a revirar a saúde fiscal da SP Rolamentos e descobriram que cheques voadores eram só a ponta do iceberg de irregularidades. A empresa vendia mercadoria sem nota, colecionava dívidas trabalhistas e os nomes de Tony e Charles